

ESPAÇOS SONOROS:

feira, ruas, bares, lazeres informais (Cuité-PB, 1960 a 1980)

Israel da Silva Araújo¹

Artigo recebido em: 03/03/2022.

Artigo aceito em: 24/10/2022.

RESUMO:

Este artigo busca apresentar espaços informais de lazer da cidade de Cuité-PB, entre as décadas de 1960 a 1980, “reconstituídos” principalmente através dos relatos orais de diversos colaboradores, em sua maioria, músicos da época que contaram suas histórias e, junto de outras fontes, proporcionaram “recriar” alguns espaços sonoros vividos na época. “Ouvimos” ambientes multifacetados como as feiras, resistentes como os carnavais de rua, intensos e volantes como os circos, astuciosos como os bares, palhoças, etc. Isso, numa época em que os ventos modernos passavam pela cidade e buscavam controlar tudo (aprisionar, por exemplo, os sons nos clubes). Mas, não fizeram silenciar os “passos” dos populares, os “arrastões” do papangus, o som das vitrolas nos bares, a trilha cotidiana do entretenimento informal da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços sonoros; Música; Cultura; Cuité-PB; Décadas 1960 a 1980.

SOUND SPACE: fair, streets, bars, informal leisure (Cuité-PB, 1960s to 1980s)

ABSTRACT:

This article will present informal leisure spaces in the city of Cuité-PB, between the 1960s and 1980s, "reconstituted" mainly through the oral reports of several collaborators, mostly musicians of the time who told their stories and, along with other sources, provided "recreate" some sound spaces experienced at the time. "Or" multifaceted environments like fairs, resistant like street carnivals, intense and volatile like bars, huts, etc. This, at a time when modern winds passed through the city and sought to control everything (imprison, for example, children in clubs). But, they did not silence the "steps" of the popular, the "drags" of the papangus, the sound of the turntables in the bars, the trail of informal entertainment in the city.

¹ Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Mestrado em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8740544125184049>; e-mail: israelcuite@gmail.com.

KEYWORDS: Sound Spaces; Music; Culture; Cuité-PB; 1960s to 1980s.

1. Introdução

O presente artigo é parte de uma dissertação de mestrado, cuja proposta foi registrar espaços sonoros de Cuité (PB) ligados direta ou indiretamente ao lazer das pessoas da cidade nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Os espaços aqui citados são, em sua maioria, ambientes informais, e foram reconstituídos por meio de relatos orais de diversos colaboradores (muitos deles, músicos da época), que contaram suas histórias e redesenharam a paisagem sensorial desses lugares “convividos” na cidade. Feira livre, festas de rua, bares, espaços de vivência do cotidiano citadino, cuja dinâmica estava começando a ser influenciada pelos “ventos de modernidade” que então circulavam entre Cuité e arredores.

Percebemos, a partir desses relatos, que apesar do movimento de modernização ter começado a formalizar muitos espaços de lazer da cidade, em grande parte desses casos, o desenho e a função final acabaram sendo regidos mais pelas pessoas, do que pelos padrões modernos recém-estabelecidos. Tais espaços de lazer acabaram refletindo mais as pessoas que naquele contexto viviam do que as regras que os definiam. Ou seja, em muitos casos são as pessoas que no momento do uso, no cotidiano, definem esses ambientes, nos termos de Certeau, “os jogos dos passos moldam os espaços”². O espaço, enfim, trata-se de um lugar praticado.

Observamos na cidade de Cuité, para esta pesquisa, espaços que foram palcos de múltiplas manifestações festivas, muitas delas informais. Consideramos tanto manifestações em espaços amplos (ruas), quanto em espaços restritos (clubes, bares), de periodicidade regular ou não. Buscamos observar a formação e as práticas sonoras de “não-lugares”, pois mesmo os lazeres associados a espaços com endereço fixo, foram expostos a uma grande diversidade de sons, jeitos e sujeitos.

² “Os jogos dos passos moldam os espaços” (CERTEAU, 2002, p. 176). Ou seja, o espaço trata-se de um lugar praticado, sentido, experimentado.

Buscava-se organizar, no contexto da modernização e limpeza da cidade, a regulamentação dos ambientes abertos ao público, os quais deveriam ser também “sonoramente salubres”. Exemplo disso, vimos no Código de Posturas da Cidade: “Art. 77 [...] b) dizer de público palavras ofensivas ao côro público e fazer ruídos, algazarras e correrias no centro da cidade e das vilas”. (CUITÉ, 1949, p. 20). Assim, os ruídos, a “bagunça” da rua deveriam ser contidos e os membros da comunidade abster-se de contendas barulhentas.

Nesse sentido, Schafer (2001) nos lembra do afastamento da música da rua, que “desde que a música/arte se mudou para ambientes fechados, a música de rua tornou-se objeto de crescente desprezo”. Porém, na realidade, apesar desses espaços de “afastamento” (rua-salão) eles nunca deixaram de ser lugares de cruzamentos dos sujeitos sociais, o que permitiu em muitas ocasiões uma circularidade cultural, nos termos bakhtinianos, onde há influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante (BAKHTIN, 1987).

Mesmo em meio às performances sociais sem foco no musical diretamente, como é o caso das feiras, das ruas... suas paisagens sonoras teimam em ser de grandioso poder contemplativo: vozes, barulhos, melodias diversas criadas pelo compasso da vida. Seja onde for, no bar, em casa, na rua, as pessoas buscam diversão e, na maioria desses lugares, o lazer é acompanhado por música, que promove distanciamento do ritmo da rotina de trabalho e dos sons do cotidiano.

A seguir tentaremos recompor alguns espaços sonoros cuitenses, focando naqueles que possibilitaram, em maior parte, sons melódicos ao vivo, ditos e vividos na cidade de Cuité, no período pesquisado. Deixamos o cinema, o teatro, o clube de portas fechadas e fomos “passar” por ambientes mais livres, abertos, do “povo”, a escuta de suas peculiaridades sonoras.

2. A(s) feira(s) de Cuité-PB e sua(s) sonoridade(s)

Além das cores e dos cheiros, a experiência sonora no ambiente da feira livre é elemento simbólico essencial no processo de recordar esse tipo de palco cultural. Ali, há pregões gritados durante todo o dia, “Olha a banana!”, “Olha o abacaxi! Barato é aqui!” etc. Barulho da carroça rangendo a roda, faca sendo amolada, grunhido de porco, cachorro, galinha... veículos com difusora parados ou em movimento oferecendo produtos, barbeiros, confeitadores, vendedores de doces, fumo, queijos; passos de gente, muita gente formigando e zoando em uma grandiosa “harmonia”. E, nesse lugar, são tecidas memórias singulares, que no compasso que lhe é possível, vão sendo entrelaçadas (coletivizadas)³ com outras que, para além do comércio, vão se “chocando”, criando uma grande “festa” cultural.

Para muitos, como para o senhor José Anulino⁴, a feira era, independente da morfologia urbana da época, o centro da cidade:

Ali era a feira da carne, aquele mercado ali tinha uma parte de hotel, uma parte de carne... é, por trás, eu não me lembro o nome daquela rua, tem a João Pessoa e tem a Orlando Venâncio aqui, e tem aquela do meio, né? Aquela ali era a feira do feijão, chamava-se o beco do feijão, de cima até embaixo, nessa rua ali, daqui pra lá, que pega aqui a Orlando Venâncio, o outro bequinho, Era ativo ali? Era, era a barbearia... barbearia desse lado e hotel desse. Era o centro daqui de Cuité, era o centro ali.

“Hotel”, ao qual ele se refere, era o nome dado aos pontos de venda de comida. Ficavam à mostra, cozinhando, cheirando e borbulhando alto (imagem, cheiro e som). Panelas completas de cozidos: galinhada, picado, buchada, fava com toucinho e outras coisas mais. Os hotéis ficavam dentro do prédio das Três Portas⁵ que, segundo memorialistas, servia além do ambiente da feira, e antes do Cuité Clube, como ambiente de festas da cidade.

³ Como coloca Halbwachs (2003), histórias compartilhadas, coletivas a partir dos encontros daquelas individuais.

⁴ José Anulino Ferreira Sobrinho (Louro da Tubá): entrevista realizada em janeiro de 2020.

⁵ Prédio à direita na Figura 01, de muitas portas e além de lugar da feira era espaço de festas, por ser, além da igreja, um dos lugares mais espaçosos da época.

Figura 01 - Feira pública, década de 1960



Fonte: Museu do Homem do Curimataú

Essa é a imagem da feira, que sob as bênçãos da igreja (quis o fotógrafo dar a perceber a igreja na parte superior do registro), todas às segundas-feiras, acontecia naquele largo cheio de gente sendo a “festa” da semana. A maioria usava sua melhor roupa para fazer negócios, compras... A ocasião também era oportunidade para passear, reencontrar conhecidos e quem sabe conseguir um/uma pretendente. Tratava-se de um dia diferente, para todos da cidade e mais ainda para o homem do campo que, nesse dia, não trabalhava e utilizava a feira para práticas diversas, como ir à missa, cortar o cabelo, comprar tecido, tomar cachaça e visitar as “meninas no cajueiro”⁶. Era ponto indiscutível de desenvolvimento e também espaço de múltiplas possibilidades de lazer:

Em muitas localidades, as feiras surgiram como um fenômeno espontâneo, destinando-se à realização de trocas comerciais, mas abrindo espaço também para os prazeres, festas, animação, exibicionismos, arruaças, excessos, novidades, enfim como um lugar para a coletividade. (LIMA, 2015, p. 16).

⁶ Referência a um dos cabarés registrado nesta pesquisa (último tópico deste artigo).

Não se tratava apenas de um lugar de negócio, mas espaço de encontros, de lazer, como destacou Jéssica Lima (2015), serviu também “para os prazeres, festas, animação...”. Nesse sentido, as feiras foram (e ainda mantêm muito dessa função) espaços de produção, de relações econômicas e interações sociais de bastante importância. Muitas cidades nasceram e se expandiram por sua causa (Campina Grande-PB, Santa Cruz do Capibaribe-PE, Feira de Santana-BA, entre outras)⁷.

Em Cuité, como na maioria dessas “cidades-feira”, ela alguma vez mudou de lugar, por razões diversas (questões políticas, de salubridade/modernização etc.). Nesse sentido, e como nos lembra Certeau (2002), o lugar é fixo, “é a ordem”, mas os espaços não, não tem a “estabilidade de um próprio”. Nesse caminho, na década de 1950, houve a mudança da feira, para um novo local, o mercado atual que continha/contém, grandes galpões usados para armazenamento do algodão. Adquiridos pela prefeitura municipal, fizeram o prédio das Três Portas ficar sem uso (isso também porque nessa mesma década iniciaram as atividades do Cuité Clube).

A feira era um lugar muito importante para a cidade e seu movimento de aglomeração preocupava as autoridades que buscavam, no contexto da modernização, organizar os espaços, seja no formato e posicionamentos dos comerciantes e suas tendas, até mesmo no controle de acesso das pessoas àquele lugar. Sobre esse controle, existe uma versão da justificativa do horário de atividade da feira (das 5h às 20h). Tem uma versão dada pelo memorialista, o senhor José Pereira⁸ (em suas falas sobre Cuité, nos encontros no museu), onde isso iria até altas horas da noite, pois teriam as “mulheres de bem” solicitado ao poder público esse alargamento temporal para deixá-las com boa parte do dia e somente o final da tarde e início da noite para aquelas que “não fazem parte” da sociedade⁹.

⁷ Os fatores formadores das cidades, conforme Barros (2007), nesta perspectiva cuitense da feira como ponto central e de encontros, diríamos que seriam pelo menos a função econômica e a cultural imbricadas. (José d’Assunção. Cidade e História. Petrópolis: Vozes, 2007).

⁸ José Pereira Sobrinho: entrevista realizada em janeiro de 2021.

⁹ Mulheres que viviam nas casas de cabarés da época (veremos mais detalhes sobre esses lugares no último tópico deste artigo).

A feira de Cuité, se manteve ativa, sonora, em qualquer lugar que estive. Sua sonoridade era, e tem sido, algo muito rico, não só de ruídos onomatopéicos, mas melódicos, resultado da música tocando de um rádio, de uma radiola, ou mesmo ao vivo, das duplas de violeiros ou emboladores de coco, que, seja em um recanto de parede ou no bar de alguma esquina, se apresentavam. Era, ratificamos, a “festa da segunda-feira”. Espaço de lazer, como vimos em relação à metade do século XX, e, dependendo das condições e representações a continuarem sendo “vendidas” naquele lugar, possivelmente ainda se manterá por algum tempo nesse caráter festivo de sujeitos e sonoridades plurais.

3. O carnaval: “a rua é dos papangus” (sons, fantasias e disputas)

Nas ruas, tem de tudo. Toquemos no período de carnaval, cujas ações advêm de vestígios deixados pelos antigos entrudos portugueses. Brincadeira que levantava poeira das ruas da cidade, a partir de grupos formados por novos e velhos brincantes fantasiados de mulheres, palhaços, de bêbados (nem todos os bêbados eram fantasiados, muitos viviam literalmente nesse momento). Também se vestiam com trajes artesanais com aparência de bichos reais e/ou fantásticos (inventados), com cabeças feitas de papel marchê, que eram confeccionadas dias antes, a partir de moldes de barro.

Corriam atrás das crianças fazendo caretas e jogando maizena em todo mundo, fazendo zoadas, deixando na rua pacotes de pipoca, litros de cachaça, papel picado etc. Diversão simples, mas muito intensa. Assim eram os “papangus” cuitenses, indo de rua em rua para todo lugar. Segundo Flávio Fonseca¹⁰:

“Andava-se os quatro dias... tinha assaltos, sabe o que era? A gente combinava com o pessoal umas paradas que tinha um lanche, uma bebida. (Parecido com o assustado?, perguntamos). Não! assustado era ir pra dançar com um som, o assalto era uma parada, [...]”.

¹⁰ Flávio Fonseca: entrevista realizada em julho de 2021. Brincante/papangu desde as décadas de 1960.

Interessante a saber sobre essa dinâmica é que, em meio à “desordem”, haviam os contratos, os acordos entre os foliões, no caso os “assaltos”, combinavam-se os pontos do percurso, as pausas, movimentos que serviam como marcações estratégicas para a garantia de recursos para aproveitar ao máximo a folia: bebidas, comida etc... um exemplo dessa dinâmica.

Nesse percurso, a sonoridade era improvisada; havia batucada, mas, nesse caso, com instrumentos caseiros. “A gente não tinha instrumento, não... era lata, frigideira, difícil ter uma charanga! Tinha no clube, a gente não tinha nada”. Lembra o senhor Flávio Fonseca, sobre os passados carnavais de rua.

Figura 02 - Papagus cuiteenes, década de 1950



Fonte: Museu do Homem do Curimataú

Sobre esses blocos ou aglomerações populares, só foi encontrada a fotografia acima, que aparenta ser da década de 1950, mas que, ao contrário do que pode revelar o fato de só existir esse pequeno vestígio, segundo os relatos das entrevistas, as narrativas contam que nunca faltaram papangus nas ruas de Cuité. A inexistência de mais fotografias desses brincantes nos diz mais sobre os jogos de poder entre grupos e representações dos sujeitos da cidade. Pois existem diversas fotos sobre os blocos da elite, que aparecem em um grande número de fotos nos arquivos no

Museu do Homem do Curimataú. O carnaval das ruas era vivido, em sua maioria, pelos papangus durante o dia e à noite, pelos blocos da elite, no Cuité Clube.

As passagens (as ruas) eram usadas como percurso para os dois perfis de brincantes. Os blocos da elite realizavam o curso desfilando pelas ruas da cidade, deixando para trás, pelo menos, papéis picados é o que aparentam os rastros ao lado dos veículos na imagem a seguir (Figura 03), bem como lembranças dos acenos e sorrisos “jogados” nas calçadas, acompanhados pelas músicas dos blocos cantadas pelos brincantes. Interessante perceber o tocador-componente (pandeirista) em cima do veículo que, neste palco-móvel, ia “tocando e fazendo a alegria onde passava”.

Figura 03 - Corso: carnaval, início década de 1980



Fonte: Museu do Homem do Curimataú

Já os blocos dos populares não desfilavam, faziam arrastão. Por onde passavam, levavam a experiência vivida do carnaval a um alto nível de interação. Sair na porta era perigoso levar pó no rosto, ficar na esquina para olhar, no caso das crianças, era “pedir” para levar “carreiras” dos papangus. As lembranças que normalmente ficavam eram do medo de se sujar, da “carreira”, quem levou ou se esquivou, dos bichos que viu (queixada/urubu, da burrinha, da velha, e tantos

outros sem nome), os quais durante quatro dias saiam alegrando a cidade. Para os papangus, o carnaval “não” tinha palco, ou seja, o palco era a própria rua. Segundo Bakhtin, o “palco destruiria o carnaval, [...]” pois, na liberdade da rua, “os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem”. (BAKHTIN, 1987, p. 06).

Porém, para fazer um contraponto, observemos a festa no Cuité Clube, que da década de 1970 até metade da de 1980, recebia os blocos da elite existentes: Loves Band e Loucos do Ritmo, cujos membros, em sua maioria, eram entusiastas da política dualista da época. Cada um desses blocos confeccionava suas fantasias e as guardava a sete chaves. Os organizadores e as costureiras guardavam o segredo até o último momento, para a esperada entrada no Cuité Clube.

Conjunto de figuras 04 - Blocos de carnaval no Clube (décadas de 1970 ou 1980)





Fonte: Museu do Homem do Curimataú

Acompanhados de músicos contratados para o período carnavalesco, os melhores instrumentistas de Cuité e de outras cidades próximas, formavam as orquestras, que ensaiavam para fazer a grande festa de carnaval durante os quatro dias de folia e, para sorte da orquestra, havia cantores (que dava momentos de descanso para os instrumentos de sopro). O Cuité Clube era um espaçoso lugar, uma “rua” fechada para passagem segura de seus sócios, que esperavam o ano todo. Aqueles que moravam fora da cidade voltavam e vivenciavam essa grande festa, passavam horas/dias de viagens, para alguns momentos de prazer sonoros, visuais etc.

*Foi bom te ver outra vez
Tá fazendo um ano
Foi no carnaval que passou
Eu sou aquele Pierrô
Que te abraçou e te beijou, meu amor*

(Máscara Negra)

Até mesmo as crianças tinham seu momento de brincadeira organizada (recolhidas para além do descontrole das ruas, pensamos), no domingo e na terça-feira às 10h da manhã, pois existiam as matinês para elas. Interessante citar também, o esforço dos músicos da orquestra, pois eram para tocar nas noites intensas do carnaval e nessas manhãs juvenis. Em todas elas estavam lá tocando (os músicos): Severino Celestino e Moca (de Cuité), e outros que vinham de Picuí. “Eles

organizavam essa parte, tocavam noite e dia”, disse Hélio Plácido¹¹. O senhor Lourival G. de França lembra que tocou nessa orquestra, “era Severino Celestino, Moca, eu e Baltazar. Baltazar no surdo e eu no tarol. Eu e Baltazar menino e João Costa na bateria, esse era de Picuí”.

Figura 05 - Orquestra de carnaval do Cuité Clube, década de 1980



Fonte: Museu do Homem do Curimataú

Na rua, ao contrário, a liberdade triunfava. E, para os papangus, normalmente só havia a batucada (na maioria das vezes com os instrumentos surdo e tarol) e batendo lata na mão, feito Gabirão, como nos informa Flávio Fonseca. Ou, às vezes, uma orquestra de sopros “pega na rua” (juntada às pressas com alguns tocadores amigos movidos pela bebida, como dizem) que tocavam frevos e marchinhas e faziam a alegria dos papangus, que pulavam e zuavam animados em todo canto que passava, relembra o senhor Flávio Fonseca.

Entrando nos bares, nas casas, em busca de doação de bebidas, lá iam os papangus. O segredo da diversão em torno dos papangus, não eram tanto as fantasias, mas sobre quem seriam aqueles cara-pintadas, as pessoas fantasiadas. A

¹¹ Hélio Plácido de Almeida: entrevista realizada em julho de 2021.

desconfiança fazia parte da brincadeira, nesse ambiente, externo e extrovertido, homens, mulheres, meninos. Quatro dias de diversão, o trabalho ficava para trás, para que tomassem fôlego para o resto do ano.

Com a queda da cultura sisaleira¹², os carnavais da elite foram perdendo a força e, após 1985, os blocos Loves Band e Loucos do Ritmo, foram silenciados. Pouco depois, no início da década de 1990, familiares e antigos foliões desses dois blocos rivais, criaram outros blocos de perfis parecidos, e buscaram dividir a rua com os papangus. Tratava-se dos blocos: Pega na Rua, não mais. Unidos do Beco, grupos independentes da rua 07 de Setembro e da rua 25 de Janeiro; pessoas da comunidade que deixavam o trabalho de lado para ser “outro”, um brincante, de um bloco, um papangu. Enfim, um personagem fantasiado, pintado ou de cara limpa. Nesse “novo” movimento, os blocos carnavalescos permaneceram, o Cuité Clube e seus carnavais

Com isso, as ruas ficaram mais sonoras. Charangas, orquestras tocando nas ruas, como lembra um dos tocadores, desses novos blocos e “donos” da rua. “Era eu, Dorival, Merica, Luiz Antônio Severo... Nós saímos dali, do beco do Pequeno Doutor (escola)..., por isso o nome ‘Unidos no Beco’. Terminava na quarta de cinzas (risos)”. Disse o senhor Roque Domingos¹³, e ainda completa: “Com os papangus mesmo, nunca toquei não, eles tinham a batucada deles”, continua nos informando, ele que tocava tarol nos blocos de rua dessa temporada mais recente.

Os blocos desfilavam na rua João Pessoa, disputando quem seria o bloco do ano mais animado e mais bonito. Esses blocos eram formados por alas. Algumas mais democráticas, outras mais conservadoras. Ou seja, umas com o povão e, claro, ali estavam os papangus, e outras com um pessoal mais selecionado. E, como

¹² Após o algodão, em Cuité, o sisal foi a base econômica que possibilitou a modernização da cidade e com isso, claro, criou toda uma rede de sociabilidades e embates entre classes sociais. Ver mais sobre isso em COSTA, R. M. **O Capa Verde: Transformações Econômicas e Interesses de Classes no Curimataú**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia Rural da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campina Grande, 1989.

¹³ Roque Domingos: entrevista realizada em junho de 2021.

acontecem os movimentos das coisas (ratificamos esse retorno), poucos anos depois também pararam suas atividades. No entanto, aqueles grupos e indivíduos independentes, ditos papangus originais, até hoje “botam” o bloco na rua. Sua resistência nos impressiona, são os verdadeiros donos das ruas cuiteenses.

A disciplina dos blocos formais (a escolha dos temas das fantasias, horário do desfile, a questão da concorrência com outros blocos), era colocada em cheque em cada edição. A realização do evento dependia de várias variáveis, o que, no caso dos papangus, era simplificado. Muitas vezes, criava-se até na hora da brincadeira um personagem, saía-se pelas ruas e, de repente, formava-se um bloco de papangus. A maior concorrência era a própria disposição/coragem ou não de se expor, de explicitar sua alegria. A resistência aí é a do riso da época, de poder extravasar, fugir do trabalho que durava o ano todo, assim não se perdia a oportunidade de fugir dele e “rir dos problemas”.

Perde-se no tempo o início dessa brincadeira, que passou pelas décadas de 1960 a 1980, e vem sendo praticada até hoje. Grupos de brincantes à moda antiga, sem camisa e com o rosto sujo de pó, animando, animados, com máscaras de plásticos ou couros sintéticos (se adaptando ao tempo), correndo livres pelas ruas, inventando ações, revivendo situações espontâneas, ruas livres, barulhentas, sonoras, vivas.

4. O circo: palmas, risos e trilhas (musicais)

Outro ambiente de rua, outro espaço de lazer montado na rua, sinônimo de show e alegria para a cidade: o circo. Uma parte do ano, instalava-se algum circo, em algum terreno baldio da cidade, e passavam uma temporada. Brincadeiras, piadas, músicas, frequentemente instalavam-se nas mentes e conversas das pessoas, tal qual o circo se instalava na cidade. Lona e iluminação imponentes, que, independente do porte, chamavam atenção na paisagem da cidade. Uns grandes e organizados, outros pequenos e improvisados. Alguns deles com lonas remendadas, às vezes com aparentes perfurações. Muitos dos de pequeno porte, nem ao menos lona tinham.

Nesses casos, “tomara que não chova” era a preocupação comum de todos – dono, público e artistas –, segundo nossos colaboradores. Circos nos quais os palhaços tinham que ser muito bons para chamar atenção e agradar o público, fazer bagunça, barulho e animação.

*O palhaço está na rua
E vem anunciar
Que o rei momo já chegou
É hora de brincar
Este ano vamos ter variedade
Vai ser um barulho na cidade*

Carlos Galhardo

“Vai fazer barulho...”, como diz a música, este é o circo chegando na cidade, encoberto sim, “totalmente”, de brincadeiras, de alguns momentos de tensão quando do equilíbrio e performances nas alturas e, claro, não faltavam som e música, seja na espera do início do espetáculo, bem como, durante as apresentações servindo de trilha, proporcionando aumento da emoção da performance.

Eram apitos, toques de bateria, cornetas, bombas, roncões, palmas e gritos, tudo contribuía para uma paisagem sonora diversa. Esse círculo festivo trata-se de um anfiteatro móvel que resiste ao tempo, séculos afora; teatro, música, mágicas, efeitos e bastantes palhaçadas. Além de outros aspectos a serem estudados (imbricação política, econômica, etc), queremos destacar o aspecto sociocultural, como aponta Gilmar Rocha:

Nesses termos, o circo pode ser visto como um espaço de mediação cultural e, como tal, deve ser entendido como espaço simbólico (real e imaginário), por meio do qual se desenvolvem trocas, simbioses, bricolagens, hibridismos, enfim, circularidades culturais entre expressões culturais populares, eruditas e de massa, e entre manifestações culturais distintas, como cinema, teatro, dança, ópera, esporte etc. (ROCHA, 2010, p. 56)

O espaço circense era também de show musical, “muitos circos tinham seus músicos” Uma bandinha? Perguntamos. “Um cara que cantava, que tocava, que ajudava na hora dos dramas”, disse Flávio Fonseca, nosso colaborador. Pela

colocação da fala, entendemos que o drama se referia a esquetes teatrais em geral. Um show/drama externo era das crianças, quando das suas traquinagens, buscando formas para entrar sem pagar, procurando qualquer distração dos vigias, uma brecha nas grades, um buraco na lona, como lembra também o senhor Flavio Fonseca, coisa que vez ou outra não dava certo e eram pegos, por essa razão o cascudo rolava.

Lá dentro, miscelânea de sons, de passos, gritos, assovios, zoadas do povo e do som, na maioria das vezes uma ou duas caixas de som viradas para o público. Aos poucos os "poleiros" (a arquibancada em madeira) enchem, bem como as cadeiras "da frente". Sobre o pessoal das cadeiras, seria daqueles que pagavam mais um pouco para ficar próximo do palco, nesse caso, o picadeiro. Decisão arriscada, pois ficavam próximos dos palhaços, e, para eles, um chapéu, um cabelo, uma risada, qualquer coisa serviria para usar contra o pessoal ali tão próximo e a favor do show. "Ô menino lindo!" mudando de voz e repetindo isso direcionado a diferentes indivíduos, seja do público ou colegas de palco, com isso já ganhava toda a plateia. E no outro dia, todo mundo na escola, na rua, estava repetindo aquele bordão.

Nas lembranças dos colaboradores, principalmente na década de 1980, muitas temporadas na cidade tinham apresentações musicais com artistas populares (muitos deles representantes do brega brasileiro), em algumas dessas, o senhor José Aurélio¹⁴, que representa o tocador astuto, acompanhou no violão ou no baixo muitos desses artistas:

Toquei em circo também, eles chamavam pra tocar eu ia. Toquei muito tempo para o cantor Osvaldo Freire, nos circos por aqui. Você fazia a base pra eles? Era, eu tocava pra eles, toquei também com Tarcísio Andrade, fui chamado pra tocar também, porque perguntaram a Tuca: Tuca você conhece um cara que pega rápido aqui de ouvido não?. Porque muitos artistas chegam para fazer um show não conhece ninguém na cidade, aí você ainda vai ensaiar, é difícil. aí ele me indicou, rapaz tem um ali que pega na hora.

¹⁴ José Aurélio (Aurélio do violão): entrevista realizada em janeiro de 2020.

Muitos artistas andavam pelas cidades, buscando circos, bares, palhoças etc, fazendo pocket show, ou seja, uma apresentação com pouco tempo e poucos músicos. Às vezes, aparecem sozinhos, com um playback ou na certeza de encontrar um músico na cidade da apresentação, como nos informa o senhor José Aurélio no relato acima. Interessante que existem diversos perfis de tocadores/músicos: uns que só tocam pela partitura, outros que não sabem partitura, mas tocam de ouvido; alguns que necessitam de um pouco mais de ensaio para desenvolverem seu trabalho, outros mais versáteis, que conseguem trabalhar de forma rápida e acompanham com pouco ou nenhum ensaio. Estes últimos necessitam de alta habilidade e jogo de cintura para acertar o tom e os acordes e fazer das cadeiras e dos “poleiros” aplaudirem.

5. Bares, palhoças e cabarés: outros lugares do viver/prazer

O “bar é um lugar fantástico” (FONSECA JÚNIOR, 2019, p. 99). Ali, às vezes, um sanfoneiro, um seresteiro no violão ou, mais recentemente, no teclado, alguém anima a clientela. Uns mais “sociais” que outros, mais centrais, outros mais afastados do centro da cidade. Alguns próximos à feira, faziam a festa daqueles que vinham comprar, beber, se divertir e, nesse principal dia da semana (como vimos no tópico 2), se podia tomar uma cerveja, uma dose de cachaça ou mesmo sentar em grupo e tomar um meiotá (meia garrafa) da cachaça, também por vezes, conversar/flertar com umas meninas “suspeitas”, ou mesmo já declaradas damas do prazer. Ali, o som do encher do copo, do bater das bolas da sinuca, em alguns deles; música no rádio ou ao vivo, o narrar de um jogo numa pequena televisão; de um início de briga, de um depoimento sobre a amada etc., o bar era e é um ambiente de muitas sonoridades.

Figura 06 - Bar ouro verde, década de 1960



Fonte: Arquivo MHC

Bares sempre existiram, mas, como dissemos, para os populares, principalmente na cidade em expansão, eles eram espaços que garantiam diversão diária. Nos finais de semana, além de bares, podia-se passar um tempo nas danceterias, muito buscadas pelos jovens cuitenses. Um exemplo era a boate do senhor de Chico de Banda, e outras que ficavam no calçadão central (na descida para as Três Portas, próximo ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cuité), como lembra o senhor José Aurélio:

“– Ali, onde tem a farmácia da Dra. Telma, ali, descendo ali, de frente ali, ao Sindicato, tinha uma barbearia e tinha o show de dança (Chico de Banda), e pra cá um pouco, o *Dance Night*, era de Laelson, de Finado Nanô.

– Nesse tempo não tinha difusora, não?

– Tinha, tinha sim. Era Tuca...

– Era ao vivo?

- Não, só som.
- Ao vivo tinha em algum momento?
- Ao vivo não, só som naquele tempo.”.

Esse cenário mostra que, além de outras coisas, a cidade foi criando outros equipamentos sonoros para além da filarmônica¹⁵. Sonoridades diversas para vários públicos, o próprio crescimento da cidade faz dela objeto difícil de se controlar. Coisas, pessoas e sons não são controlados facilmente, e aí tínhamos mais 40 anos do código de posturas. Frestas e festas em bares ou palhoças, como a do Beto, que “botava” o povo pra dançar. Havia também outros bares, sem dança, mas também espaços de convivência e sonoridades: Bar Ouro Verde, Bar do Galego e Bar do Biléu. Pontos de encontros de muitos cuitenses nesse período de 1960 a 1980.

Para tomar uma aguardente, não se procurava apenas um bar, havia as barracas e bodegas: a do senhor Demétrio, a de Diomedes, a do Senhor João da Barraca, a de Chico Porto, entre outras, que também auxiliavam aqueles que procuravam “esquentar a garganta”. Algumas delas ainda resistem, mesmo adaptadas; outras já tornaram-se mercadinhos. Algumas, por essa transformação no tempo, por questões de concorrência e outros fatores, fecharam suas portas. Interessante saber também que alguns, como o Bar do Biléu e o estabelecimento do Senhor João da Barraca, permanecem ativos há mais de 30 anos, mantendo o padrão cultural/social de décadas atrás.

Bares são espaços cheios de faces, alguns são espaços de mais de uma função, bares-palhoça ou bodegas-bares etc. Dentre essas faces que o bar poderia assumir, estavam os cabarés, exemplo de espaço plural, que pode ser bar, palhoça e servir a outros prazeres. A modernização em Cuité foi “limpando” também das ruas esses espaços. Chamados “mariposas”, de convivência discreta na cidade, havia pelo menos dois ambientes: o Casarão e o Cajueiro. Lugares “formais”, ativos nas

¹⁵ Na dissertação falamos mais sobre a representação da filarmônica do município de Cuité (serão inseridas as informações sobre a dissertação após avaliação da revista, para evitar exposição de autoria).

décadas de 1960 a 1980. O Casarão, próximo ao final da rua 7 de Setembro e o Cajueiro, por trás da rua 25 de Janeiro, nas proximidades do caminho ao novo cemitério, ambos afastados do centro da cidade.

Nossos colaboradores pouco citam esses espaços, por causa do tabu que envolve esse tema ainda para a cidade, mas o senhor José Aurélio, faz referência a um de seus bailes na casa da “luz vermelha”, como dito no popular. “Eu bem novinho rapaz, mulher que só a mulesta, e eu no meio tocando lá, animado todo”. No Casarão, como também no Cajueiro, havia muita música ao vivo e de forma profissional ou por lazer. Muitos músicos tocavam lá, animavam esses ambientes.

Figura 07 - Festa no Casarão, década de 1970



Fonte: MHC

Abrindo um parêntese, não esqueçamos que as mulheres desses ambientes, que eram trabalhadoras do lazer/prazer, e faziam a “alegria” de muitos homens da cidade e zona rural, também necessitavam e usufruíram dos momentos de lazer, como vimos em outras fotos no arquivo do museu. Algumas delas demonstrando um lado que não se sabe ou não se diz, ou não se quer ver: fotografias delas fazendo pose tocando com violão, tomando banho de açude, passeando, tudo isso em um

cotidiano menos noturno e mais livres dos conceitos impostos sobre elas (lugares onde andar, roupas a usar, práticas a cumprir).

Os cabarés eram lugares de convívio e de encontros mais “arrochados”, para alguns. Para outros, de visita, de encontro, de bebedeira, de se escutar músicas etc. Nesse espaço, onde se reuniam mulheres, o que não faltava na paisagem sonora era música, seja nas radiolas, rádios ao pé do ouvido do cliente, ali sempre reverberava por suas paredes, principalmente em alguns momentos quando dos shows ao vivo, como a imagem acima (Figura 07) pode retratar. Sujeitos e práticas diversas, lugares conhecidos, costumes encobertos em espaços de trabalho e lazer, ditos da rua, sem controle, mas que detém de ações que resistem, entre tantas coisas, ao tempo, senão fisicamente, na memória daqueles que viveram esses momentos.

6. Considerações finais

De perfil informal, os espaços de lazer vistos acima demonstraram suas sonoridades e possibilidades de entretenimento para além dos ambientes da moda (clubes, cinemas e teatros) existentes em Cuité. Nossos colaboradores disseram seus passos, os quais, como suas memórias, entrecruzaram-se e teceram lembranças coletivas que possibilitaram mapear lugares de sensibilidades diversas, que, no nosso propósito, focados principalmente nos sons como linha central, fizeram dessas experiências pontos importantes para “recompormos” a história desses espaços sonoros cuiteentes.

Da feira, capturamos uma aura especial para a maioria daqueles que nela passavam o dia, principalmente para o pessoal da zona rural que, além dos negócios, conseguiam se divertir, ouvir os violeiros, encontrar-se com amigos/amigas, naquele ambiente de mil faces (cores, cheiros e sons). E ali, sentir outras sensações, diferentes daquelas do resto da semana, que o seu trabalho regular impossibilitava. Um lugar de negócio reconfigurado e, por isso mesmo, potencializado, capaz de ser ponto central e sentido inicial de muitas cidades, recanto e encanto cultural por sua diversidade.

Reconhecer-se na feira é oposto à dinâmica do carnaval dos papangus na rua, que se pintavam e brincavam resistentemente. Os papangus tornaram-se donos das ruas as quais circulavam e arrastavam multidões. Com astúcia conseguiram manter o movimento dos papangus ativo todos os anos. Brincado à sua maneira, com o que se tinha na hora, sem necessidade de luxo, disputas ou entraves políticos. Trouxeram à mostra suas batucadas, seus “trajetos”, demonstraram sua “zoada” permanente. Ressurgiram ano a ano, às vezes com nomes, rostos, outras vezes encobertos e anônimos; correndo, vivendo pelas ruas. Som de passos, na “carreira”, de gritos e de lata; de vaias, assobios, sons de tudo, gerados e pouco geridos entre os meios fios, das ruas e avenidas da cidade.

A alegria da rua, pode também ser experimentada sob o teto andante do circo, que busca nas suas esquetes “exóticas”, no potencial dos seus palhaços e nas atrações musicais populares, nos seus famosos “poleiros”, formar um anfiteatro especial do circuito do lazer citadino. Das crianças aos idosos, das muitas classes sociais, um caldeirão sonoro vivido ali, expõe um potencial de entretenimento coletivo intenso que “explode” e penetra nos sentidos da cidade, por meio de paródias, apelidos, piadas etc. De muitas maneiras, aquele ambiente, mesmo parado, fazia repercutir seus sons pelas casas/ruas da cidade. Por meio desse potencial estratégico, conseguiam atrair público, provocar aplausos e gargalhadas sob suas lonas.

Outro tipo de ambiente, também da rua (esses de endereço fixo), que “ouvimos” durante essa pesquisa, foi o ambiente do bar, incluindo palhoças, cabarés.... Estes modificaram-se no seu cotidiano, ao longo dessas décadas, e tornaram-se espaço de lazer diverso. Exemplo dessa modificação aparece no momento em que passam a oferecer música ao vivo, seresteiros, tecladistas, cantores populares. Passaram a dar oportunidade àqueles trabalhadores, de poucas posses, de se entreter de forma mais regular. Se não ao som da música vivo, nos bares-danceteria, com sons emitidos por radiolas.

Semanalmente, diferente das tradicionais festas da cidade (padroeira, São João etc.), esses ambientes tornavam-se ponto de conversas, danças, encontros, ambiente pós-trabalho, de entretenimento vívido, de pouco custo. Nos quais os populares consumiam, os músicos e outros sujeitos trabalhavam, e esses momentos davam o tom/som do cotidiano que a cidade dispunha. Sons da rua, dos bares, sons que eram a trilha dos trabalhadores, sons que sobrepunham os ruídos do trabalho, repertório que faz lembrar tempos diversos (de diversão, de inversão, de invenção).

O lazer é possível em toda parte e para além dos lugares fechados. Ocorre, como vimos, em vários lugares, que se tornam espaços de diversas práticas e, estas práticas, em sonoridades. Gravados na memória, estes sons ajudam a mapear os trajetos dos passos das pessoas no passado e auxiliam a montarem a cidade do presente. Vozes que relembram lugares, melodias que definem espaços, enfim, histórias que espelham sensibilidades e ações ocorridas e resultantes de um contexto, de uma cidade. Músicos, brincantes, trabalhadores, lazeres que em meio ao corre-corre do trabalho da cidade proporcionaram, para si e para os outros, momentos de descontração, nesses espaços sonoros possíveis. E, senão nesses n'outros espaços: praças, açudes, becos, calçadas, tantos outros lugares que se tornam espaços de vida, que em outro(s) momento(s) possamos ouvir suas histórias.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José d'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 1987.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.
- _____. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 10. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

CUITÉ. Lei n. 12 de dezembro de 1949. **Dispõe sobre o Código das Posturas Municipais**. Santa Cruz: Tipografia Trairy. 1949.

FONSECA JÚNIOR. **Pelos Bares da Cidade** In. ARAÚJO, I., et al. Nossa Terra, nossa gente: tópicos históricos sobre o município de Cuité-PB. Editora: MC² E-diction, 2020.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

LIMA, J. C. de. **Do mercado velho à nova feira: a reestruturação da feira do bairro da prata, Campina Grande-PB**. Dissertação de Mestrado 2015. Disponível em: https://www.ufpb.br/ppgg/contents/documentos/dissertacoes/jessica_lima.pdf. Acesso em: jul. 2021.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. 4^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

PRIORE, M. Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAGO. Margareth. **Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista'**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1985.

ROCHA, G. **O circo no Brasil – estado da Arte**. Revista brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais. São Paulo, n. 70, 2^o semestre de 2010, p. 51-70. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-70/823-o-circo-no-brasil-estado-d-a-arte/file>. Acesso em: jul. 2021.

SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: Unesp, 2001.

SOUZA. A. C. B. de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, 2002.